

CENTRO DE ESTUDOS E DEFESA DO NEGRO DO PARÁ

Zélia Amador de Deus
Do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará/CE DENPA

Nesta minha exposição falarei, especificamente, sobre um trabalho de militância, de luta no dia a dia que vem sendo desenvolvido pelo CE DENPA, entidade que represento, e a única existente em Belém do Pará, criada e fundada por negros. Em 1979, alguns negros começaram a se reunir, propondo-se a criar uma entidade que denunciasses e lutasse contra o racismo. Aos poucos, fomos nos organizando. No início, timidamente, contando, ainda, com um quadro pouco numeroso, passamos a promover manifestações nas datas significativas para a comunidade negra, 20 de Novembro, 13 de Maio.

Apenas no 20 de novembro de 1980, agora já mais estruturado, o grupo resolveu mudar de tática, fazer muito barulho, ocupar todos os espaços disponíveis — Assembléia Legislativa, Câmara dos Vereadores — enfim, se fazer presente.

A importância dessa iniciativa foi tal, que esta data passou a ser considerada como o início do grupo. A partir de então, a despeito do nosso isolamento, começamos a nos integrar com os movimentos negros da região, participando de todos os Encon-

tros de Negros do Norte-Nordeste¹.

Durante muito tempo se acreditou que, devido à grande miscigenação com o índio, praticamente não existissem negros na Amazônia. Realmente, em comparação com estados como o Maranhão, a Bahia, somos poucos. Mas, mesmo assim, há muitos negros, principalmente em determinadas regiões do estado. Alguns estudos², entre os quais destaco especialmente o trabalho de Vicente Sales, *O Negro no Pará*, mostram que o negro se concentra principalmente nos municípios que se dedicavam ao cultivo da cana-de-açúcar e à atividade pecuária.

Estes estudos apontam, também, a existência de muitos mocambos nesta região. Pretendemos, inclusive, realizar um trabalho com os remanescentes desses mocambos que existem, ainda, ao longo do rio Trombetas e em outros lugares do estado. A 90 km de Belém há uma comunidade negra denominada Pitimandeuá, resquício de um mocambo.

Com o desenvolvimento do nosso trabalho começaram a surgir inúmeras solicitações, principalmente da parte das escolas. Diante de nossa denúncia de que a data 13 de Maio não devia ser festejada, os professores se sentiam perplexos, não sabendo como proceder nessas ocasiões.

Começamos, então, a realizar uma série de palestras nas escolas a fim de discutir o negro. No início, esses contatos eram esporádicos, apenas por ocasião das datas de 13 de Maio e de 20 de Novembro. Mas com o correr do tempo as solicitações se avolumaram, colocando-se, para o grupo, a necessidade de se estabelecer estratégias de como agir perante essa nova realidade. Todo esse processo engendrou uma série de preocupações e questionamentos sobre os nossos objetivos, sobre a nossa posição diante da discriminação racial, e, até, sobre a nossa identidade. Inclusive, fizemos uma pesquisa, utilizando-nos de uma amostra composta por 128 negros, com o objetivo de verificar onde se concentra a população negra no Pará, sua opinião e reação face à discriminação e sua posição política.

Interessante que as pessoas entrevistadas, embora negassem terem sofrido discriminações, admitiam terem presenciado atitudes discriminatórias

1 As entidades negras do Norte e do Nordeste, desde o ano de 1981, têm-se encontrado para discutir suas questões. Os Encontros têm sido realizados sempre no primeiro semestre e são abertos a todos os negros das duas regiões. O primeiro Encontro foi realizado em João Pessoa — PA, em 1981; o segundo, em Recife — PE, em 1982; o terceiro, em São Luís — MA, em 1983; o quarto, em Salvador — BA, em 1984; o quinto, em Macaé — AL, em 1985; o sexto, em Aracaju — SE, em 1986; o sétimo irá acontecer em Belém — PA, de 09 a 12 de julho de 1987.

2 No momento, pesquisadores da Universidade Federal do Pará estão realizando os seguintes estudos sobre o negro brasileiro: Maria Angélica Mauás — A imprensa negra em São Paulo; Rosa Azevedo — A mão-de-obra escrava na Amazônia; e Anaíza Vergolino sobre a questão religiosa.

contra outros. Há como que uma dificuldade em aceitar esse fato a nível pessoal. Entretanto, à medida que se adquire a confiança do entrevistado, percebe-se que as coisas não são bem assim, e que a pessoa já foi discriminada, já foi vítima de atitudes discriminatórias.

Os dados que coletamos ainda não foram totalmente explorados. Mas há informações importantes, que merecem ser melhor analisadas, como a questão da identidade da mulher negra, por exemplo. Notamos que o homem tem maior facilidade em se assumir como negro; já a mulher se define, mais frequentemente, como morena, mulata, indício de que a identidade racial passa pela identidade sexual.

É nossa intenção, não só refletir melhor sobre estes dados, mas, também, ampliar o nosso conhecimento do ponto de vista quantitativo e qualitativo. Nesta pesquisa, nos concentramos, sobretudo, na população pertencente às camadas médias. Todos sabemos que o negro está majoritariamente representado nas camadas subalternas da sociedade. Neste sentido, redefinimos a amostra (e também o questionário) para torná-la mais representativa da realidade da população negra. Esperamos, com este estudo, obter subsídios para elaborar estratégias a fim de atingir o negro da periferia.

Ainda, como fruto do nosso empenho na procura de alternativas para realizar um trabalho mais sistemático dentro das escolas, procuramos estreitar relações com pessoas ligadas ao ensino, como supervisores, orientadores. No decorrer desses contatos, começamos a perceber que uma das grandes falhas do sistema escolar, em relação ao negro, diz respeito à maneira como a História oficial o retrata. Notamos que muitos conceitos, muitas informações presentes nos livros didáticos de História, Geografia, Educação Moral e Cívica teriam que ser modificados. Por outro lado, esses manuais omitem informações e fatos essenciais para se conhecer o negro.

Começamos, então, a trabalhar na elaboração de textos alternativos, utilizando-nos de uma bibliografia que organizamos especialmente para esse fim. Contamos, também, com a cooperação do CIMI — Conselho Missionário Indigenista, órgão que se preocupa com a imagem do índio nos livros didáticos. Entretanto, tendo em vista a dificuldade de acesso à bibliografia alternativa indicada nos textos, o que comprometia a sua utilização, começamos a elaborar uma cartilha alternativa para suprir essa ausência de material didático. O processo de organização e sistematização do material, demandou discussões exaustivas e inúmeras modificações até se chegar à redação final³.

Ainda não temos informações sobre a repercussão desta cartilha junto ao pessoal que a tem recebido, nem mesmo as professoras de História de 5ª a 8ª série. O nosso próximo objetivo é tentar fazer essa avaliação, enfim, discutir e refletir sobre essa experiência. Consideramos, entretanto, que este nosso trabalho de produção de material didático, de recuperação da história do negro, se constitui num passo muito importante na nossa luta.

CARTILHA DO CEDENPA



RAÇA NEGRA : A LUTA PELA LIBERDADE

Mas o nosso trabalho não pára por aí. No momento, estamos participando de um ciclo de debates que discute a disciplina Estudos Paraenses, recentemente incluída no currículo escolar. A nossa reivindicação é que esta disciplina trate, também da questão do negro.

Pretendemos, ainda, produzir outros materiais didáticos, pois as solicitações são muitas e temos que estar preparados para atendê-las.

Desenvolvemos, também, algumas atividades culturais — temos um grupo de dança, já encenamos uma peça teatral "Face, negra face", pois percebemos que a cultura é um instrumento importante nessa luta.

Estamos estreitando nossas relações com algumas entidades como a Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos, Comissões de Bairros de Belém e com a Federação de Associação de Moradores. Inclusive, a peça teatral a que me referi foi montada em convênio com a Comissão de Bairros e com a Federação de Moradores. A peça é apresentada nos centros comunitários e após a encenação, abrimos para debate com o público. Temos aproveitado essas ocasiões para vender ou doar a nossa cartilha, tentando incentivar as pessoas a discutirem e a debaterem o seu conteúdo. São estas as experiências que vimos desenvolvendo.

3 Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará, s.d.

4 O espetáculo "Face Negra Face", é criação coletiva do CEDENPA, e foi representado pelos membros da própria entidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CENTRO de Estudos e Defesa do Negro do Pará. *Cartilha do CEDENPA: raça negra; a luta pela liberdade*, Pará, s.d.

SALES, V. *O Negro no Pará*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, s.d. [Coleção Amazônia — série José Veríssimo.]